



INTELECTUAIS NEGRAS E RACISMO INSTITUCIONAL: UM CORPO FORA DE LUGAR

Lívia Natália¹

Resumo: A noção tradicional de intelectual - homem, branco, heterossexual - encontra-se defasada em relação às produções das intelectuais negras/afrodiaspóricas do século XX e XXI, quando unidas à noção de descolonização mental o fosso se amplia, de modo que pensar a intelectualidade de mulheres negras é também pensar formas de descolonizar saberes e questionar lugares estabelecidos, por exemplo, dentro da Universidade.

Palavras-chave: intelectuais negras; descolonização mental; universidade.

BLACK INTELLECTUALS AND INSTITUTIONAL RACISM: A BODY OUT OF PLACE

Abstract: The traditional notion of intellectual - white, heterosexual, man - lags behind the productions of the black / afro-diasporic intellectuals of the twentieth and twenty-first century, when united to the notion of mental decolonization the gap widens, so that the intellectuality of black women is also thinking ways to decolonize knowledge and question established places, for example, within the University.

Keywords: black intellectuals; mental decolonization; university.

LES INTELLECTUELS NOIRES ET LE RACISME INSTITUTIONNEL: UN CORPS A LA PLACE

Résumé: La notion traditionnelle d'intellectuel - blanc, hétérosexuel, homme - traîne derrière les productions des intellectuels noirs / afro-diasporiques du vingtième et du vingt et unième siècle, quand elle est unie à la notion de décolonisation mentale, l'écart s'élargit, si bien que l'intellectualité les femmes noires réfléchissent également à des façons de décoloniser les connaissances et de remettre en question les lieux établis, par exemple, au sein de l'université.

Mots-clés: intellectuels noirs; décolonisation mentale; université.

INTELECTUAIS NEGRAS Y EL RACISMO INSTITUCIONAL: UN CUERPO DESUBICADO

Resumen: La noción tradicional de intelectual-hombre, blanco, heterosexual- se encuentra defasada en relación a las producciones de las intelectuales negras / afrodiás del siglo XX y XXI, cuando unidas a la noción de descolonización mental el foso se amplía, de modo que pensar la

¹ Lívia Natália é poeta, Doutora em Literatura e Professora Adjunta de Teoria da Literatura na Universidade Federal da Bahia. Autora dos livros *Água Negra* (Prêmio Banco Capital de Poesia/2010), *Correntezas e Outros Estudos Marinhos/2015* (ed. Ogum's Toques Negros), *Água Negra e Outras Águas/2016* (Caramurê), *Dia bonito pra chover* (Ed. Malê, 2017/ Prêmio APCA de Melhor Livro de Poesia do ano de 2017) e *Sobejos do Mar* (Ed. Caramurê, 2017).- "Lívia Natália" <livianataliass@gmail.com>



intelectualidad de mujeres negras es también pensar formas de descolonizar saberes y cuestionar lugares establecidos, por ejemplo, dentro de la Universidad.

Palabras-clave: intelectuales negras; descolonización mental; Universidad.

1. AS MULHERES NEGRAS E A RACIALIZAÇÃO DA SUBALTERNIDADE

No geral, as acadêmicas negras, já gravemente marginalizadas pelo sexismo e pelo racismo institucionalizados da academia, nunca se convenceram plenamente que lhes é vantajoso declarar publicamente o seu compromisso com a política feminista. hooks, 2005.

O enorme espaço que o trabalho ocupou na vida das mulheres negras, segue hoje um modelo estabelecido desde o início da escravidão. Como escravas, o trabalho compulsoriamente ofuscou qualquer outro aspecto da existência feminina. Angela Davis, 2015.

No pós-abolição, as mulheres negras do Sul dos Estados Unidos colhiam ainda os amargos frutos da escravidão sendo mulheres livres que, no entanto, viviam a situação de constante rebaixamento da sua humanidade. Se durante o período escravagista elas eram colocadas no lugar de meras reprodutoras, sendo sistematicamente negado a elas não apenas o direito à maternidade, mas também o de construir uma família equilibrada e saudável², uma vez que dos seus homens era retirado o direito de ocupar o lugar de pai e chefe de família, após a escravidão, a leitura que sociedade branca e racista fazia de seus corpos mimetizava e até ampliava o seu lugar animalizado de mera reprodutora ou de um pertence da casa, uma vez que os lugares a elas reservados eram sempre os de babás, serviçais, lavadeiras, cozinheiras ou todo o qualquer serviço que as colocasse num lugar de subserviência. Não obstante, segundo Angela Davis no seu livro *Mulher, raça e classe* (2003), estas mulheres que serviam como parideiras, não escapavam do trabalho pesado nos campos de algodão, ou das lides domésticas fossem elas quais fossem.

O acesso ao espaço dos brancos só lhe era permitido mediante o lugar de servidão, e, mais ainda, a sua presença em vagões de trens, restaurantes e outros lugares públicos fora do espaço destinado aos negros, era tolerada quando se atestava o fato de ela estar ali

² Cf. Reis, Isabel. Histórias da vida familiar e afetiva de escravos na Bahia do Século XIX. Disponível em: https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/1998_reis_isabel_cristina_ferreira_dos_historias_de_vida_familiar_e_afetiva_de_escravos_na_bahia_do_seculo_xix.pdf acesso em 6 de dez. 2017.



tomando conta de crianças brancas ou servindo, como quer que fosse, ocupando, assim, o lugar a ela destinado por este sistema.

Quando Patrícia Hill Collins (1986/2016) forja a noção de “outsider within” para descrever a experiência de mulheres negras que eram empregadas em casas de famílias brancas, ela sinaliza para o lugar ambivalente destes corpos no cotidiano familiar. Sendo empregadas destas famílias, as mulheres negras testemunhavam, e ainda testemunham, violências, abusos, crises, ou seja, toda uma vida que se encena nas coxias das famílias brancas, ao mesmo tempo, escutam problemas pessoais dos patrões inclusive, eventualmente, aconselhando; adentram em negociações e resoluções de questões do cotidiano e mantém relações de perfilhação com os filhos destes, transformando-se num ser que é “praticamente da família”. No Brasil, pela herança escravista que domina as relações entre patrões e empregadas, torna-se mais compreensível a equivalência da expressão “outsider within” por “praticamente da família”. São mulheres sem nome, elas se viam compelidas a adotar para si o codinome inventado pela família, mulheres que, muitas vezes, moravam na casa dos patrões, o que dificultava a construção ou convivência com sua própria família e que, quando estavam velhas demais para continuar servindo, andavam de casa em casa dos filhos e netos dos seus patrões enquanto estes as suportassem, ou até que morressem³.

Enquanto ativas no cotidiano familiar, sua presença não costuma incomodar nem tampouco ser notada, uma vez que aquele é um corpo servil, submisso e subalternizado pela própria estrutura do capitalismo e pelo racismo também estruturante. No entanto, em sendo “praticamente da família”, segundo Collins: “Estas mulheres viram as elites brancas, tanto as de fato, quanto as aspirantes, a partir de perspectivas que não eram evidentes a seus esposos negros ou aos grupos dominantes” (Collins, 2016, p.99).

Nos Estados Unidos, o censo de 1940 demonstrava que 40% das mulheres negras eram trabalhadoras domésticas. Em março de 2016, uma pesquisa do IPEA e do Ministério

³ Esta realidade só foi alterada em 2013, quando a Lei, conhecida como PEC das domésticas, regulamentou o trabalho doméstico, equiparando os direitos e deveres de empregadas e empregadores às demais relações de trabalho.



do Trabalho⁴ afirmou que 92 % dos empregados domésticos são mulheres, e essa é a ocupação de 5,9 milhões de brasileiras, o equivalente a 14% do total das trabalhadoras do Brasil. Em 2014, 10% das domésticas eram mulheres brancas, índice que chegava a 17% entre as negras.

A racialização do trabalho doméstico e sua majoração entre mulheres negras é um fato confirmado pelo *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*⁵ que afirma:

A categoria de empregados domésticos é majoritariamente feminina, com cerca de 7% de homens. Entre as mulheres, a proporção de negras (21,6%) é bem maior que a de brancas (13,5%). A grande concentração de mulheres negras no emprego doméstico chama atenção dos pesquisadores desde meados do século XX. IPEA, 2013.

Investi nesta longa digressão, que parece me afastar do escopo deste texto, a fim de melhor aproximar-me de seu bojo que poderíamos estabelecer a partir da seguinte pergunta: como se forma o lugar de intelectuais negras contemporâneas, que podem ser pensadas como *intelectuais outsiders*, a partir da herança recebida das mulheres negras *outsideres within*, suas antepassadas?

Em seu livro “Eu sei por que o pássaro canta na gaiola”, Maya Angelou se dedica a narrar sua história, que começa em 1931, quando tinha três anos, e foi, junto com o irmão, morar com a sua avó paterna no Arkansas. Para além do estreito registro biográfico de um sujeito, o livro nos oferece uma arguta análise da vida dos negros 68 anos após a abolição da escravatura, em 1863, no violento e segregado sul dos Estados Unidos. Aqui podemos retornar à noção de *expressão*, que, segundo Deleuze e Guatarri (1995), é a categoria teórica acionada pelos escritores da Literatura Menor, isto pelo poder que seus discursos têm de agenciar a fala silenciada da coletividade da qual estes sujeitos fazem parte. Neste contexto, a realidade das trabalhadoras domésticas perpassa toda a narrativa como paratexto:

⁴ Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/03/trabalho-domestico-e-a-ocupacao-de-5-9-milhoes-de-brasileiras>. Acesso em: 12 de Nov. de 2017.

⁵ Dossiê mulheres negras : retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil / organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes ... [et al.].- Brasília : Ipea, 2013.160 p



Muitas mulheres que trabalhavam em suas cozinhas faziam compras em nosso Armazém, e, quando carregavam a roupa lavada de volta para a cidade, muitas vezes depositavam os grandes cestos na nossa varanda da frente para puxar uma peça do conjunto engomado e mostrar o quanto eles passavam bem e como era rica e opulenta a propriedade de seus patrões. (Angelou, 1996. p.31)

Cerca de 20 anos depois, nos anos 50, no Brasil, Conceição Evaristo narra a vivência das mulheres negras da sua família que serviam às casas das brancas:

As mãos lavadeiras, antes tão firmes no esfrega-torce e no passa-dobra das roupas, ali, diante do olhar conferente das patroas, naquele momento se tornavam trêmulas, com receio de terem perdido ou trocado alguma peça. (Evaristo, 2007.p.17)

O deslumbramento quase ingênuo das empregadas da década de 30 nos EUA ante o poder econômico de seus patrões, e a tensão demarcada no olhar submisso e apreensivo da mãe lavadeira nos anos 50 no Brasil, são faces do racismo que, como sabemos, se exerce de diferentes maneiras em diferentes lugares do mundo. Estas mulheres, que serviam na casa dos brancos, tinham amplo acesso à intimidade destas famílias, e a presença em ambos os textos da imagem das lavadeiras é sintomático. No entanto, esta era uma intimidade servil que não estaria muito longe da impossibilidade de acesso à alteridade branca na narrativa de Angelou: “Em Stamps, a segregação era tão completa, que a maioria das crianças negras não sabiam realmente, em absoluto, como eram os brancos” (Angelou, 1996, p.30).

2. MULHERES NEGRAS: TRAVESSIAS INTELECTUAIS DE ESCRIVÊNCIAS COLETIVAS

A primeira vez que a noção de escrevivência toma corpo é num depoimento intitulado “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita” (2007). Evaristo narra que a primeira vez que teve contato com um sinal gráfico foi quando num gesto antigo “quase ancestral”, a sua mãe se agachava e com um graveto fazendo as vezes de um lápis e a terra barrenta, de papel, de cócoras, acompanhada pelo olhar cúmplice das filhas, a sua mãe desenhava o sol, fazendo uma simpatia que deveria



trazê-lo em lugar da chuva que inviabilizaria o trabalho da lavadeira. A escrita relatada carrega gestos da hoje famosa multimodalidade:

Era um ritual de uma escrita composta de inúmeros gestos, em que todo o corpo dela se movimentava, não só os dedos. E nossos corpos também, que se deslocava no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol. (Evaristo, 2007. p16)

Ao riscar, no chão, o sol, inscrevia-se, a um tempo, a beleza do gesto e o desespero de quem dependia daquele ganho para alimentar as filhas. Ao desenhar, afirma Evaristo, a mãe não representava o sol, chamava por ele, presentificando, no desenho, aquilo que ali era nomeado: “Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?”. Localizando a discussão na dimensão do compromisso, Evaristo revela o limite do universo representacional que se orgulha por lustrar as potencialidades da vida quando, pela expressão das escritas menores (Deleuze; Guatarri, 1995), a vida aparece reequalizada, repensada, inclusive, nas suas diferenças, sublinhando como, dentro dos poderes maiores, os menores se inscrevem: “Como ouvi conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós era talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos” (Evaristo, 2007, p.19)

Atualizando o olhar que as trabalhadoras domésticas – as *outsideres within* – lançavam sobre os padrões brancos, Evaristo revela, a partir da estranheza da menina, o lugar de intelectual outsider no seu texto, quando relata:

E quando eu, menina, testemunhava as toalhinhas antes embebidas em sangue, e depois, já no ato da entrega, livres de qualquer odor ou nódoa, mais a minha incompreensão diante das mulheres brancas e ricas crescia. As mulheres da minha família, não sei como, no minúsculo espaço em que vivíamos, segredavam seus humores íntimos. Eu não conhecia o sangramento de nenhuma delas. E quando em meio às roupas sujas, vindas para a lavagem, eu percebia as calças de mulheres e minúsculas toalhas, não vermelhas, e sim sangradas do corpo das madames, durante muito tempo pensei que as mulheres ricas urinassem sangue de vez em quando. (Evaristo, 2007, p 18)



Angelou, por sua vez, reforça o estranhamento do olhar das crianças – olhar este que pode ser flagrado também nos negros e negras adultos presentes em sua narrativa: a nenhum deles foi dado compreender completamente quem são os brancos; O que, exatamente, motivava a segregação?; Como eles podiam ser, ao mesmo tempo, cristãos e segregacionistas?; Como podiam ser tão amáveis com seus filhos e tão desumanos com as crianças negras e, quanto às crianças brancas, como tão cedo aprendem a crueldade? Estas questões faziam Angelou lançar aos brancos um olhar desconfiado:

Mas eu não conseguia forçar-me a pensar neles como pessoas. Pessoas eram a sra. LaGrone, a sra. Hendricks, mamãe, o reverendo Sneed, Lillie B, e Louise e Rex. Os brancos não podiam ser pessoas porque seus pés eram pequenos demais, sua pele era branca e transparente demais, e eles não andavam com os pés como as pessoas faziam – eles andavam sobre seus calcanhares, como cavalos. Pessoas eram aquelas que viviam do meu lado da cidade. (...) Estas outras, as estranhas criaturas claras que viviam em sua estranha não-vida, não eram consideradas gente. Eram brancos. (Angelou, 1996, p.31)

Esta pequena revisão de nossa história aqui empreendida serve para que possamos pensar acerca do lugar reservado a nós, mulheres negras, no sistema produtivo de trabalho. Tendo sido o nosso corpo aquele que prioritariamente definia o nosso lugar e função, a leitura que faziam da cor da nossa pele é que nos colocava em determinado lugar, por isso é esperável que não se costume pensar no poder que carregamos nas nossas mentes. A compreensão mais importante que, penso eu, precisamos ter é que nosso corpo não nasceu com a disponibilidade para os serviços domésticos, não há o gene do trabalho braçal no sangue das mulheres negras; ocupamos este lugar por contingência, e aqueles que puderem perceber a gravidade desta condição muito poderá fazer pela quebra dos estereótipos que nos perseguem.

Uma vez libertas da opressão escravagista, nós, negras e negros, vimo-nos aprisionados num outro sistema perverso, uma vez que cobra de nós a excepcionalidade, para que possamos contar como cidadãos que importam. Aqui recupero uma fala do escritor Oswaldo de Camargo ⁶ que afirma: “Precisamos, segundo a lógica branca, ser

⁶ Anotação da palestra proferida por ele no Teatro SECS/BA, quando do lançamento do seu livro *Oboé*, em 2015.



permanentemente contados como negros excepcionais”, ou seja, precisamos, para contar como seres humanos, como sujeitos produtivos, ser, continuamente, os melhores de nossa “espécie”. E nós, enganados pela vaidade de sermos diferentes dos demais, muitas vezes vivemos em função de sermos estes seres excepcionais, sem contar a crueldade que é termos que trabalhar o triplo para ganharmos a metade. É a perspectiva do esforço individual, que limita, por exemplo, a nossa visão sobre a importância das medidas de ação afirmativa.

Ampliadas as medidas de ação afirmativa, por exemplo, pela Lei Nº 12.990, de 9 de Junho de 2014⁷, que estabelece a reserva de vagas para sujeitos autodeclarados negros, vemos um controverso quadro no qual candidatos negros não se autodeclararam por compreender a cota como uma espécie de concessão. Eis mais uma das faces do racismo: a introjeção do estereótipo. Ou seja, o sujeito alvo do racismo vê-se com os olhos do dominador, trazendo para a sua subjetividade a vulnerabilidade apontada, ele esforça-se por afastar-se do estereótipo que, no entanto, o aprisiona. Nas palavras de hooks⁸:

Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor. (hooks, 2010. P.142.)

As cotas com recorte racial, instauradas há mais de dez anos no Brasil, visam abrandar as consequências de uma diferença histórica que se responsabilizou por criar um fosso entre brancos e negros no que tange ao acesso e produção de bens simbólicos e capitais. Do processo escravista no Brasil ficou para a nossa sociedade o amargo gosto da

⁷ Reserva aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União.

⁸ Vivendo de amor. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-de-genero/4799-vivendo-de-amor>. Acesso em: 10/11/2015



branquitude que, segundo de Liv Sovik seria o lugar, um exercício de superioridade hierárquica centrada na lógica do etnocentrismo. A branquitude é aquilo que sustenta a discriminação racial, vez que se constrói como discurso da diferença rebaixadora, numa tentativa de empreender a fixação dos sujeitos em lugares sociais e históricos a partir da cor da pele.

Branquitude não é o contrário de negritude. De forma nenhuma. A negritude é uma palavra sob a qual se reúnem pensamentos sobre uma identidade positivada, ela é um índice da reunião de forças que compõe uma reavaliação do que é ser negro no Brasil. A branquitude, pelo contrário, é um discurso continuamente reforçado, poderoso na sua ação, posto que serpenteia por vários âmbitos da sociedade e que se agiganta sobre os negros, não sobre a negritude que lhe seria inferior em poder, determinando o seu ser e estar no mundo. A negritude é um discurso dos negros inaugurado em meados do século XX, a branquitude é uma prática sistemática (uma vez que encontra seu fundamento no período colonial e que desde este contexto desenvolveu finas técnicas de sobrevivência) e silenciosa, que torna todos os corpos negros vulneráveis.

Enquanto discurso da hegemonia, a prática da branquitude no Brasil se exerce mediada por inúmeras estratégias. Certamente, uma das mais fortes é a prática da negação do racismo e a prática do arco-íris racial brasileiro, como afirmou Hélio Santos, jogando a diferença racial na qual ela mesma está pautada num horizonte de indicernibilidade e exortando, pelo seu discurso, a uma prática de igualdade impossível, posto que esta cala todas as diferenças possíveis. Como afirma Nelly Richard discutindo a escrita de mulheres:

...afirmar que a linguagem e a escrita são in-diferentes à diferença genérico-sexual (que não existem diferenças entre masculino e feminino), equivale a reforçar o poder estabelecido, cujas técnicas consistem, precisamente, em levar a masculinidade hegemônica a se valer do neutro, do im-pessoal para falar em nome do universal. (Richard, 2002, pg. 131)

O mesmo vale para a reflexão sobre a questão racial aqui engendrada, a negação do racismo e a afirmação da igualdade produz uma falsa sensação de que a questão não é racial, e sim socioeconômica, no entanto, qualquer homem ou mulher negra que ocupe lugares sociais de prestígio continuará vivendo experiências de submissão pelo racismo.



3. INTELLECTUAL NEGRA COMO LUGAR DE FALA

Falo isto de um lugar nada confortável. Ocupar o lugar de uma intelectual negra num sistema e numa Instituição hegemonicamente branca e constantemente racista como a Universidade, contrariamente ao que se possa pensar, não foi o resultado de um “esforço pessoal”, nem tampouco de uma excepcionalidade. O caminho foi e é pedregoso. Uma mulher negra que trabalha com a produção e disseminação de conhecimentos é pensada como uma ave rara. Dentro da academia enfrenta-se a constante luta pela afirmação da validade e importância do nosso conhecimento, assim, não há lugar confortável nem dentro das salas de aula, onde somos constantemente testadas, nem nos corredores, nem nas reuniões. Somos, constantemente, um corpo fora de lugar:

As intelectuais negras não são escritoras famosas (e nem todos os escritores são intelectuais) continuam praticamente invisíveis nesta sociedade. Essa invisibilidade é, ao mesmo tempo, em função do racismo, do sexismo e da exploração de classe institucionalizados e um reflexo da realidade de que grande número de negras não escolhem o trabalho intelectual como sua vocação. (hooks, 1995, p. 467)

Para além da academia, somos seres estranhos. Sabemos que há uma massiva desvalorização do trabalho intelectual, principalmente aquele desenvolvido por mulheres negras, nas palavras de bell hooks: “Essa desvalorização do trabalho intelectual muitas vezes torna difícil para indivíduos que vêm de grupos marginalizados, considerarem importante o trabalho intelectual como uma atividade útil” (1995). Certamente isto é uma herança da forma como o corpo da mulher negra foi inserido no mercado de trabalho. Não apenas éramos lidas como seres inferiores, destinadas à procriação quase que automática, mas as lides domésticas a nós reservadas parecem ter não só nos amoldado àquele espaço, como endossado um aspecto patologizante de nosso comportamento: somos animais que, uma vez destinados à procriação e submissão, compreendemos a vida como uma sucessão de experiências meramente corpóreas, que podem ser resumidas na tríade trabalho braçal-procriação-sexo:



Nas décadas antes da guerra civil, as mulheres negras tornaram-se crescentemente avaliadas pela sua fertilidade (ou falta dela). No entanto, isto não significava que, como mães, as mulheres negras tivessem um estatuto mais respeitável do que tinham como trabalhadoras. A exaltação ideológica da maternidade – popular no século XIX – não se estendia às escravas. (Davis, 2013, p.12)

As representações em todos os espaços – seja a literatura, a televisão, as artes em geral ou o discurso que circula nas ruas – nos devolve continuamente a este lugar. Como sintoma de que a colonização mental (CF. Fanon, 2008) ainda vigora, a invisibilização ou, pior, esteriotipização das mulheres que ocupam o lugar de gestoras do conhecimento é a confirmação do quanto o sistema acadêmico é racista e sexista. Conhecemos uma quantidade imensa de pensadores brancos, as suas discussões sustentam continuamente os nossos estudos. Quando nos dedicamos a análises que sejam atravessadas pelas demandas raciais, aparecem os grandes pensadores negros: em sua maioria homens. E onde estão as mulheres negras? Onde estamos?

Gayatri Spivak em seu texto *Pode um subalterno falar* (2010), dedica-se a, apontando uma limitação na posição de Gilles Deleuze e Michel Foucault acerca da representação do Outro enquanto sujeito descentrado, denunciar que o subalterno não consegue falar por que ele é sistematicamente não silenciado, mas falado pelo desejo do outro. Hommi Bhabha (1998) nos apontou a formulação básica desta problemática ao discutir o estereótipo como sendo uma estrutura calcada numa verdade não verificável, na medida em que ela se repete, assegurando seu lugar e valor de verdade, mas jamais se expondo à verificação empírica, sob o risco de provar-se falsa ou insuficiente para dar conta desta alteridade. Por seu turno, Spivak insere a noção de “sujeitos-efeitos” afirmando que os sujeitos pensados como subalternos são efeitos do discurso que assim os representa. Os discursos hegemônicos se arvoram a representar a mulher, falar por ela e protegê-la, sem, no entanto, estar interessado em ouvi-la. Franz Fanon, afirma que os corpos dos negros são, no discurso paternalista etnocêntrico, infantilizados e tratados como crianças desorientadas ou como sujeitos desprovidos de juízo de valor e consciência. “Os negros costumam a ser divertidos” (Fanon, 2008).



Talvez seja por isto que, dentre as missões primeiras da formação de um discurso identitário negro, Franz Fanon aponte, como pedra de toque aquilo que ele nomeou de descolonização das mentes. Este processo passa pela assunção de um lugar de fala compreendendo as limitações e estereótipos que repousam sobre estes sujeitos e investindo em subvertê-los. Segundo Osmundo Pinho⁹:

A descolonização intelectual como etapa da emancipação racial e consequente transformação da sociedade como um todo deverá, desse modo, passar pela ação intelectual contra-hegemônica. A emergência de uma crítica subalterna representa assim o trabalho de formação de intelectuais subalternos. (2015)

Os modos de representação e os lugares reservados às jovens negras em formação tornam a dedicação da sua vida ao pensamento um espaço interdito, tornamo-nos uma tal anomalia, uma vez que somos, a partir da escolha deste caminho, continuamente instadas a responder à sociedade sexista e racista quando vamos nos ocupar do lugar a nós destinado? O que será de nós se não dominarmos bem uma cozinha? Se não encontrarmos um marido em tempo de termos os tão preciosos filhos? Por outro lado, a academia nos pergunta todos os dias: o que você faz aqui, negra?

Visto que a produção feminista por parte de acadêmicas negras sempre foi marginalizada na academia, marginalizada tanto em relação à hegemonia acadêmica existente, quanto à corrente principal do feminismo, aquelas entre nós que creem que este trabalho é crucial para qualquer discussão imparcial da experiência negra, tem de intensificar seu esforço em prol da consciência crítica. (hooks, 2013, p.141)

Este corpo, permanentemente varado de perguntas, é também um corpo não mapeável, todo feito de vulnerabilidades e potências. Afirmar um lugar de feminismo negro, dentro do campo acadêmico, é expor-se à uma posição solitária. Nem os homens negros compreenderão facilmente a nossa travessia, uma vez que, muitas vezes, para eles o que nos atravessa de modo mais poderoso é a vivência racial; nem as mulheres brancas nos

⁹ PINHO, Osmundo. *Lutas Culturais: Relações raciais, antropologia e política no Brasil*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/58472097/Lutas-culturais-relacoes-raciais-antropologia-e-politica-no-Brasil>. Acesso em: 10 mai. 2015.



abrigo, pois somos, muitas vezes, consideradas como uma cisão no movimento feminista, que se quer coeso.

No contexto de um Curso como o de Letras, as cores destas questões se multiplicam, postos que estamos num campo de conhecimento onde a dedicação às Belas Letras nasce, primeiramente, como que uma inspiração do espírito. Para além disto, é um campo ao qual muitos profissionais, principalmente as mulheres, aderiram por diletantismo, o curso era escolhido por ser uma boa ocupação para moças de boa família. Desta forma, quando as demandas raciais e de gênero entram em cena, levanta-se uma grande dificuldade: a negação das diferenças. Chimamanda Adichie em seu belo discurso intitulado “Sejamos todos feministas” afirma que “A questão de gênero, como está estabelecida hoje em dia é uma grande injustiça. Estou com raiva. Devemos ter raiva. Ao longo da história, muitas mudanças positivas só aconteceram por causa da raiva” (p.24, 2015) Este sentimento, muitas vezes pensado como inadequado para mulheres, ou sintoma de revanchismo quando dispersado pelas minorias, mora na soleira das portas da Universidade.

Cada vez que um corpo como nosso atravessa o dormente das portas, o nosso coração se preenche de raiva, e isto em nada deve nos cegar para os termos nos quais a nossa luta deve se processar. A raiva indociliza os corpos. A raiva revela a potência que a subalternidade deixa vaziar. Somos corpos não mapeáveis, e sabemos disso por que, diuturnamente, somos atravessados por perguntas que tentam nos aprisionar nos lugares previstos, ora para a mulher, ora para os negros e ora para as mulheres negras. Se não encontramos cumplicidade facilmente nos corredores da Universidade, se temos colegas que não respeitam as nossas pesquisas, que desconhecem voluntariamente a potência de nossos pensamentos, se temos alunos que minoram a nossa fala, por nos verem como seres menores, como eles mesmos se sentem, sabemos que atravessar estas portas todos os dias é um gesto de coragem, e de resistência.

Um dos gestos mais importantes é compreender, que numa sociedade como a nossa, que tem suas raízes mais poderosas fincadas no racismo e no sexismo como heranças de um cruel sistema colonial, o processo de descolonização da mente passa por um trabalho de



desadecer. Nossa subjetividade, dentro deste contexto, foi forjada para a doença e vulnerabilidade. Nosso lugar, no mais das vezes emanado de um espaço de pobreza, miserabilidade e subserviência, nos conduz, quase que naturalmente, ao lugar do negro patologizado pelos seus sofrimentos. Medicamo-nos contra dores terrivelmente palpáveis, mas invisíveis, e a analgesia piscanalítica não nos abriga, posto que ela não se formou para entender o contexto de sofrimento que as diferenças racial e de gênero pode provocar na formação da psique humana.

Nosso trabalho é realmente duro, pois se trata, em primeira instância, de libertar o alçoz do lugar de uma inocência coletiva, trata-se de fazê-lo reconhecer que se temos uma herança racista e sexista, o seu silêncio e negação são apenas sintomas de sua contínua participação da construção das opressões. Trata-se também de nos libertarmos dos lugares de negros exemplares, e trazer para a cena a força que o nosso ressentimento pode nos ofertar. Sim, precisamos ser ressentidos, isto na melhor acepção da palavra. Não guardar o rancor e a capacidade de revolta é menosprezar o trabalho de nossos ancestrais que nos trouxeram até aqui. Negar-se a ocupar o lugar de negro rebelado, aquilombado, é juntar-se aos capitães do mato e, para mostrar serviço à supra-consciência machista e branca, nos perseguir, nos apontar e nos matar.

É preciso ressentir para pensar. Furar o bloqueio do racismo institucional com o corpo. Este corpo atravessado de marcas, não pode se comportar na sala de aula como um corpo dócil, mimetizar a subalternidade na construção do pensamento, na formação dos nossos estudantes. Sou, como costume dizer, das heranças. Primeiro por que sei que estou aqui por conta delas, antes de mim, muitas mulheres negras pisaram neste chão que me fez chegar até aqui, e, por respeito a seus pés mais vincados que os meus, carrego nos olhos a sombra de sua passagem e sei que sou delas continuadora

Acredito nas heranças por que a sociedade branca se faz e pereniza os seus discursos pela estrutura discipular. Dentro dos campos de formação de conhecimento, com destaque para a academia, são os discípulos, ensejados nos grupos de pesquisa e nas salas de aula, sejam eles brancos ou negros, que continuam os discursos da neutralidade das ciências e do valor supra-racial e dessexualizado do conhecimento.



Estar na academia é compreender que o saber liberta, mas que sua função primordial é a de nos oprimir. A fragmentação dos conhecimentos, que faz a crueldade de termos pesquisadores que sempre lidarão com o aprofundamento em detalhes, mas que jamais lidarão com toda a complexidade da questão, sendo esta acessada apenas pelo seu professor, detentor de poder; a sistemática negação do valor e da importância de engendrar nos nossos discursos a relevância das diferenças, negando-as como uma questão menor, insular ao nosso pensamento e, mais ainda, a desimportância dedicada aos estudiosos que empenham a sua vida na discussão destas questões, desimportância esta que se faz acompanhar de uma desvalorização de suas produções, orientações e pesquisas na bolsa de valores acadêmica nos mostra que a Universidade tem uma cor e um sexo. E, como sabemos, a hegemonia não tem devir, portanto ela estará sempre cega às demandas das minorias, ainda que moremos na mesma casa, e que sejamos seus vizinhos de gabinete.

Como já disse, sou das heranças. Combater o racismo institucional é prender-se no seu grosso pelo como um vírus, e ali inocular o nosso sangue, fazendo colapsar o sistema. Não é possível repensar o sistema estando no extramuros. Entremos nele, então! E, tal qual um vírus, busquemos garantir a nossa disseminação, a nossa herança, encarnada nos estudantes também sensíveis aos lugares de diferença. Quando adentro uma sala de aula, estou ali em missão de formação de herdeiros que possam dar continuidade ao trabalho das gerações que nos antecederam. (E aqui me veem gestos de ruptura do sistema: envenenar o senhor de escravizados; entregar a ele um corpo, desprovido de desejo ou de gozo; silenciar; rebelar; suicidar; matar. Todas estas são formas de romper com a construção da subalternidade que nos trucidou.)

O nosso empenho não é fácil. A tarefa não é para os apressados ou ansiosos, por que os seus resultados não serão imediatos, não serão para hoje. Afinal, quantas mulheres serviram, não estudaram, morreram na vulnerabilidade para que hoje tivéssemos doutoras negras? O meu trabalho não é para hoje, mas, contrariamente à lógica Cristã, nosso reino é deste mundo. Assim, a forma mais competente de vazar as paredes do racismo institucional é formar pessoas, multiplicadores preparados para confrontar-se com os requintes e dissimulações progressivas deste sistema.



Sejamos pelas heranças. E que nossos continuadores tenham a força de manter-se nas trincheiras, até o dia em que a luta de Lélia Gonzalez, Luíza Mahim, bell hooks, Angela Davis, Chimamanda Adichie, enfim, até que a travessia de todas nós possa colher seus frutos e, finalmente, deixemos de ser mortos como se fossemos corpos que não precisam contar. Por que somos seres humanos, e precisamos ser ouvidas.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamus todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1988.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. Uma imagem ampliada. In: _____. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2007.
- CUTI. Quebranto. In: *Negroesia*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. pp.53-54.
- DAVIS, Angela. *Mulher, raça e classe*. Tradução Plataforma Gueto, 2013. Disponível em: <http://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/angela-davis.pdf>. Acesso em: 10 Out. 2015.
- DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. Trad. Aurélio Neto e Celia Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles. Platão e o Simulacro. In: _____. *Lógica do sentido*. 4ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002. Col. Debates.
- DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Org.). *Representações performáticas brasileiras: Teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- FANON, Franz. *Peles Negras, Máscaras Brancas*. Salvador: Edufba, 2008.



FOUCAULT, Michel. 1967 – Nietzsche, Freud, Marx. In: _____. *A arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. MOTTA, Manoel Barros a. (Org.). Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. Trad. Laura Sampaio. São Paulo: Loyola, 1998. (Leituras Filosóficas; 4).

FOUCAULT, Michel. As regularidades discursivas. In: _____. *A Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HALL, Stuart. Estudos Culturais e seu legado teórico. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. Nascimento e morte do sujeito moderno. In: HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

hooks, bell. Intelectuais negras. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 3, n.2, p. 464-478, ago./dez. 2005.

hooks, bell. *Ensinando a Transgredir: Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013)

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda Consideração Intempestiva*; Da utilidade e desvantagem da história para a vida. Trad. Marcos Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. (Conexões; 20).

SOUZA, Florentina Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

*Recebido em outubro de 2017
Aprovado em novembro de 2017*